

VENDA E CONSUMO DE CARNE DE ANIMAIS SILVESTRES NAS FEIRAS DE BELÉM, PARAGOMINAS E ABAETETUBA – PARÁ

Bruna Moraes Rodrigues¹
Roberto Vilhena do Espírito Santo²
Rayette Souza da Silva Lobão³

RESUMO

O consumo de carne de animais silvestres é comum em comunidades tradicionais, indo além da alimentação e envolvendo métodos de caça transmitidos de geração em geração, com forte significado cultural. No entanto, a prática desregulada e sem fiscalização prejudica tanto a fauna quanto a saúde dos consumidores. Este trabalho investigou a comercialização e o consumo de carne de animais silvestres em seis feiras de Belém, duas em Paragominas e uma em Abaetetuba, estado do Pará, além de analisar a incidência de zoonoses, as principais espécies consumidas e outros fatores que contribuem para essa prática. A pesquisa utilizou questionários aplicados presencialmente a consumidores e vendedores, elaborado pela plataforma *Google Forms*. Os resultados apontam alto consumo de carne de caça nas feiras, alinhado ao fato de 81,13% dos entrevistados desconhecerem os riscos à saúde associados a esse consumo. A demanda observada pode estimular a criação em cativeiro de animais silvestres com potencial econômico para consumo humano na Amazônia Oriental. O estudo também reforça a necessidade de maior atuação dos serviços oficiais de fiscalização e de campanhas permanentes para sensibilizar a população sobre o risco de extinção das espécies amazônicas e a ocorrência de zoonoses ligadas ao consumo ilegal.

Palavras-chave: Ingestão, Animais Silvestres, Zoonoses.

SALE AND CONSUMPTION OF WILD ANIMAL MEAT IN THE MARKETS OF BELÉM, PARAGOMINAS, AND ABAETETUBA – PARÁ

ABSTRACT

The consumption of wild animal meat is common in traditional communities, extending beyond mere nutrition and involving hunting methods passed down through generations, carrying strong cultural significance. However, unregulated and unmonitored practices pose risks to both fauna and consumer health. This study investigated the commercialization and consumption of wild animal meat in six markets in Belém, two in Paragominas and one in Abaetetuba, Pará State, additionally, it analyzed the incidence of zoonoses, the main species consumed, and other factors contributing to this practice. The research was conducted through questionnaires applied in person to consumers and vendors, created using the *Google Forms* platform. The results indicate a high consumption of bushmeat in these markets, aligned with the fact that 81.13% of respondents were unaware of the health risks associated with this type of consumption. The observed demand may encourage the captive breeding of wild animals with economic potential for human consumption in Eastern Amazonia. Furthermore, the study highlights the need for stronger action by official inspection services and the implementation of permanent campaigns to raise awareness among the population about the risk of species extinction in the Amazon and the occurrence of zoonoses related to illegal consumption.

Keywords: Consumption, Wild Animals, Zoonoses.

Recebido em 26 de março de 2025. Aprovado em 29 de abril de 2025

¹ Discente de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA. brunamoraes@outlook.com

² Prof. Dr. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA. roberto.vilhena@ifpa.edu.br

³ Prof^a Dra. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA. rayette.silva@ifpa.edu.br

INTRODUÇÃO

A alimentação é vital ao ser humano e não se presta somente para matar a fome, mas também representa uma parte cultural de cada povo, caracterizando-o e perpassando por gerações (Dias, 2024). A cultura indígena, assim, como as demais, possui características próprias e uma delas é a cultura da caça, componente de sua identidade. A caça não só envolve o processo de alimentação, mas também o conhecimento sobre como matar o animal, técnicas de caça e principalmente o respeito em relação à natureza e a importância de locais sagrados que devem ser preservados (Santos, 2021).

O consumo de animais selvagens é histórico, apesar de ser uma forma de intrusão humana nos ecossistemas e nos habitats naturais dos animais (Bharucha; Pretty, 2010), permanece acontecendo principalmente diante do aumento populacional e consequente aumento por sua demanda, seja por razões culturais e/ou econômicas. Esta usurpação trouxe algumas doenças devido ao destino inadequado desses animais como alimento. O termo zoonoses é utilizado desde o século XIX e seu conceito foi sendo aperfeiçoado (Hubálek, 2003; Messenger et al, 2014). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024) define zoonoses como “Doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre animais vertebrados e seres humanos”.

No Brasil, a Lei nº 5.197/1967 (BRASIL, 1967), proíbe a caça profissional e o comércio de espécimes da fauna silvestre e de produtos e objetos que impliquem na sua caça, perseguição, destruição ou apanha. Apesar de haver subjetividade no entendimento do que é um “estado de necessidade”, a Lei de Crimes Ambientais – Lei nº 9.605/98 em seu artigo 37 inciso I aventa não ser crime o abate de um animal, quando realizado “em estado de necessidade, para saciar a fome do agente ou de sua família”.

Conforme informação supracitada, o consumo de carne de silvestres é proibido no Brasil, mas permanece recorrente. Na Região Norte, esta é uma via crítica para o “transbordamento” de doenças pelo seu uso como alimento e também pela falta de conhecimento da população acerca das zoonoses, principalmente quando sua origem é ilegal e sem os cuidados higiênico-sanitários (Carvalho; Ale, 2022). Em pesquisa recente, pesquisadores apontam que a pandemia da COVID-19 elevou o consumo de carne de caça aumentou no município se Abaetetuba - PA em função do desabastecimento de carnes mais usuais (carne bovina, suína, frango) (Costa et al., 2022). Ademais, outro efeito que pode ser comentado é o agravamento da desigualdade social e pobreza, que pode ter pressionado ainda mais a fauna silvestre.

Considerando o exposto e que as sequelas da pandemia ainda estão sendo sentidas, este trabalho objetiva investigar a venda e o consumo de animais silvestres em nove feiras livres localizadas nos municípios de Belém, Paragominas e Abaetetuba, estado do Pará, verificando o relato da comercialização e consumo de animais silvestres nas feiras selecionadas, observando onde é mais intensa; conhecendo o perfil dos entrevistados, assim como seu conhecimento sobre zoonoses e os principais animais consumidos.

MATERIAL E MÉTODOS

Locais da pesquisa e público-alvo

O estudo foi realizado por meio de visitas em seis feiras de Belém - PA (Guamá, Jurunas, Pedreira, Icoaraci, Ver-o-peso, Terra firme), duas feiras no município de Paragominas - PA (Municipal e Feira do Produtor) e na principal feira do município de Abaetetuba - PA (Feira livre).

O município de Belém possui uma população de 1.303.403 habitantes, área com cerca de 1.059.466 km² sob as coordenadas: Latitude: -1.46, Longitude: -48,51. Ele também é

constituído por 8 distritos: Belém, Bengui, Entroncamento, Guamá, Icoaraci, Mosqueiro, Outeiro e Sacramento. O município de Paragominas abriga uma população de 105.550 habitantes distribuídos em uma área de 19.342.565 km² sob as coordenadas: Latitude: -2.995, Longitude: -47.353. E o município de Abaetetuba possui uma população de 158.188 habitantes e área de 1.610.654 km² com coordenadas: Latitude: -1.73, Longitude: -48.89. (<https://cidades.ibge.gov.br>).

O público-alvo consistiu de feirantes de produtos cárneos (potenciais vendedores de carne de animais silvestres) e frequentadores das feiras que circulavam próximo a esses produtos (potenciais consumidores de carne de animais silvestres).

Coleta de dados

Foi realizada uma consulta ao Centro de Controle de Zoonoses (CCZ), pertencente ao Departamento de Epidemiologia e Vigilância à Saúde (DEVS) da Secretaria Municipal de Saúde de Belém (SESMA) para solicitação de dados referentes a episódios e/ou surtos de zoonoses relacionadas ao consumo de carne de caça.

A coleta de dados deu-se por meio de uma pesquisa de campo presencial, baseada na aplicação de questionários semiestruturados via *Google forms*. O questionário aplicado aos vendedores possuía 15 perguntas, sendo seis referente aos dados pessoais e o restante em relação à venda de carne de animais silvestres. O questionário dos consumidores, possuía 16 perguntas, sendo seis referentes aos dados pessoais do entrevistado e dez em relação ao consumo de carne de animais silvestres. Ao todo, 181 pessoas fizeram parte do estudo, sendo 50 feirantes e 131 consumidores. As entrevistas ocorreram presencialmente nas feiras selecionadas durante os meses de julho, outubro e novembro/2024. Cada local foi visitado uma única vez, para não haver possíveis sobreposições de entrevistas junto aos frequentadores, pois algumas feiras eram pequenas, possibilitando encontrar o mesmo entrevistado em dias e horários diferentes.

Análise dos dados

Os dados foram tabulados em uma planilha no Excel para realização de estatística descritiva (frequência relativa). A homogeneidade de variância foi verificada pelo teste de Levene ($p=0,05$) e na sequência, os dados foram submetidos à análise de variância (ANOVA) ($p=0,05$) para buscar diferenças entre as médias observadas, e para quais amostras apresentavam diferenças entre os grupos testados, foi usado o Teste de Tukey ($p=0,05$), todos utilizando software Statistica 7.0.

RESULTADOS

O Centro de controle de zoonoses da SESMA, apesar de responsável pela Vigilância de Zoonoses não dispôs dos dados solicitados pelos pesquisadores: se possuíam informação de zoonoses relacionadas à alimentação, algum dado sobre número de pacientes ou bairros de ocorrência. No que se refere aos dados obtidos entre o público-alvo, embora o número total de respondentes tenha sido de 181 pessoas, a adesão à pesquisa era voluntária, o que explica a omissão de algumas perguntas e diferença nos números absolutos entre tabelas e/ou figuras.

Entre os vendedores de produtos cárneos, em todos os municípios predominou o sexo masculino com 82% e 18% do sexo feminino. Um dado interessante foi a heterogeneidade da idade dos vendedores, variando de 26 a 48 anos e média de 44 anos (Tabela 1).

Tabela 1 - Sexo dos feirantes entrevistados por município.

Sexo	nº	%	Idade Min.	Idade Max.	Idade Med.
Feminino	2	18%	42	42	42
Masculino	9	82%	26	58	44
Total	11	100%	26	58	44

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Quanto à naturalidade, apesar de a maioria ser paraense (86%), outros estados também foram declarados como de origem dos vendedores entrevistados, como Maranhão e Pernambuco ambos com 6% e da região Nordeste, e Minas gerais com apenas uma pessoa, proveniente do sudoeste brasileiro (Figura 1).

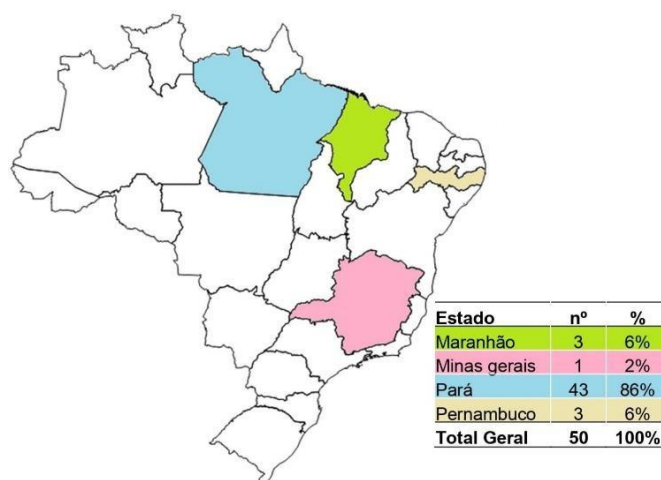


Figura 1 – Naturalidade dos feirantes entrevistados. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

O nível de escolaridade mais indicado pelos feirantes foi o ensino médio completo (36%), seguido do ensino fundamental completo (26%) (Tabela 2).

Tabela 2 - Escolaridade dos feirantes entrevistados por município

Escolaridade	Abaetetuba	Belém	Paragominas	Total	%
Ensino fundamental completo		12	1	13	26%
Ensino fundamental incompleto		7	4	11	22%
Ensino médio completo		16	2	18	36%
Ensino médio incompleto	1	3	2	6	12%
Ensino técnico			1	1	2%
Superior incompleto		1		1	2%
Total	1	39	10	50	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Entre os 50 feirantes entrevistados, apenas um confirmou fazer a comercialização dessa categoria de carne nos três municípios avaliados. Por conseguinte, a maioria dos feirantes têm esta ocupação há mais de 15 anos (57%), enquanto que apenas 4% trabalham na área há menos de 5 anos (Tabela 3).

Tabela 3 – Tempo de ocupação na atividade dos feirantes entrevistados por município

É feirante a quanto tempo?	Abaetetuba	Belém	Paragominas	Total	%
1 a 5 anos		2		2	4%
10 a 15 anos		10	3	13	27%
5 a 10 anos		3	2	5	10%
Mais de 15 anos		24	4	28	57%
Não se aplica	1			1	2%
Total	1	39	9	49	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Quando questionados se conheciam as zoonoses associadas ao consumo de animais, 71% dos entrevistados responderam que “Sim”, e os outros 29% responderam que “Não” (Tabela 4). A ausência do município de Abaetetuba na tabela significa que o único vendedor dessa localidade não respondeu à pergunta.

Tabela 4 – Conhecimento dos feirantes sobre zoonoses por município

Você sabe que o consumo de carne de caça pode causar doenças?	Belém	Paragominas	Total	%
Não	11	3	14	29%
Sim	28	7	35	71%
Total	39	10	49	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Com relação à procura dessas carnes nas feiras, 64% dos vendedores responderam que as pessoas procuram “às vezes” e que não há época específica, enquanto que 36% dos vendedores relatam que os frequentadores das feiras procuram todos os dias (Tabela 5).

Tabela 5 – Procura por carne de caça por município

Procura por caça nas feiras	Belém	Paragominas	Total	%
Às vezes	6	1	7	64%
Todo dia	4		4	36%
Total	10	1	11	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

No que diz respeito aos consumidores, houve grande incidência do público feminino em Belém, seguido de Paragominas. Já em Abaetetuba, houve pequeno domínio de homens entre os entrevistados (Figura 2).

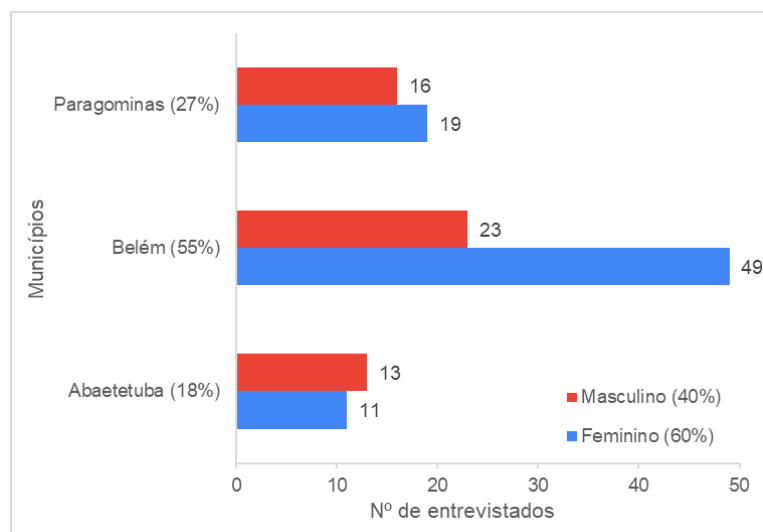


Figura 2 – Sexo dos consumidores por município. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Analisando os dados sobre a idade dos entrevistados, observou-se que a idade média dos consumidores de Belém é significativamente maior ($p=0,000$), que as médias observadas nas amostras de Paragominas e Abaetetuba (Figura 3).

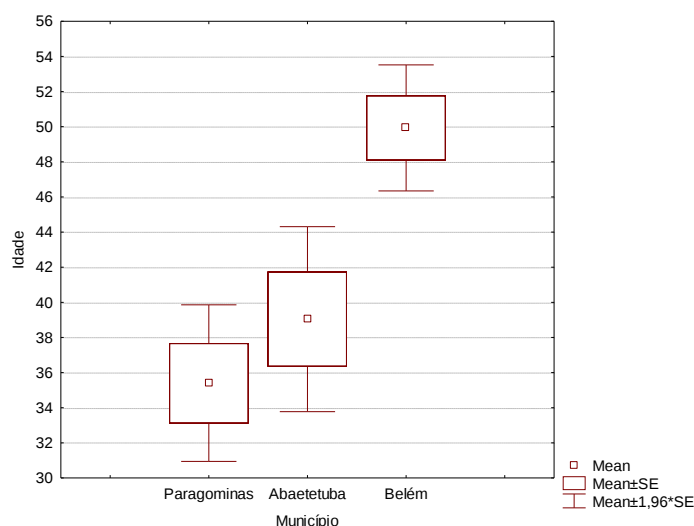


Figura 3 – Idade média dos consumidores por município. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Semelhantemente aos comerciantes, também foram registradas naturalidades distintas das do paraense entre os frequentadores das feiras. Dos 131 consumidores, se declararam naturais do estado do Pará (87%), mas também houve registros do Maranhão, Amapá, Amazonas e Pernambuco (Figura 4).

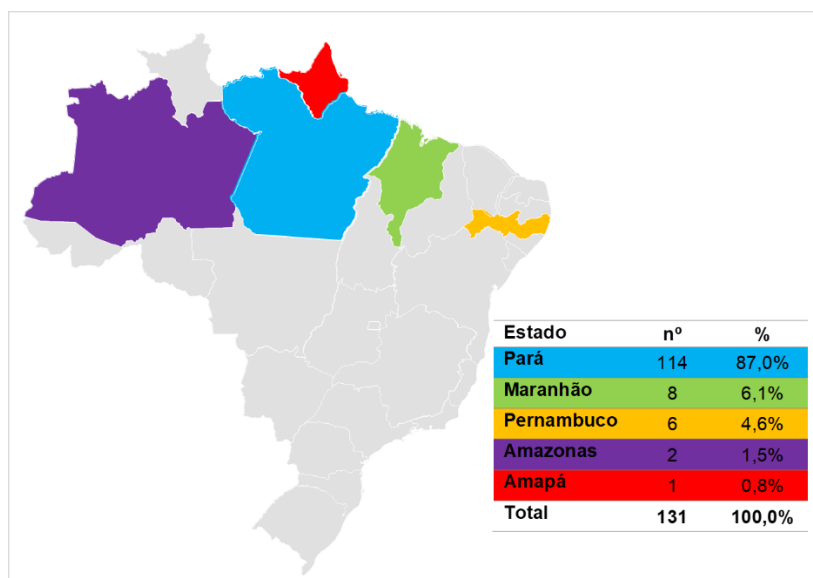


Figura 4 – Naturalidade dos frequentadores das feiras entrevistados. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Em relação à pergunta: “Você já consumiu carne de caça? (animal silvestres), 98 pessoas do total (74,81% dos entrevistados) responderam que “Sim”. O município de Abaetetuba obteve a liderança, com 95,83%, seguido de Paragominas e Belém (Figura 5).

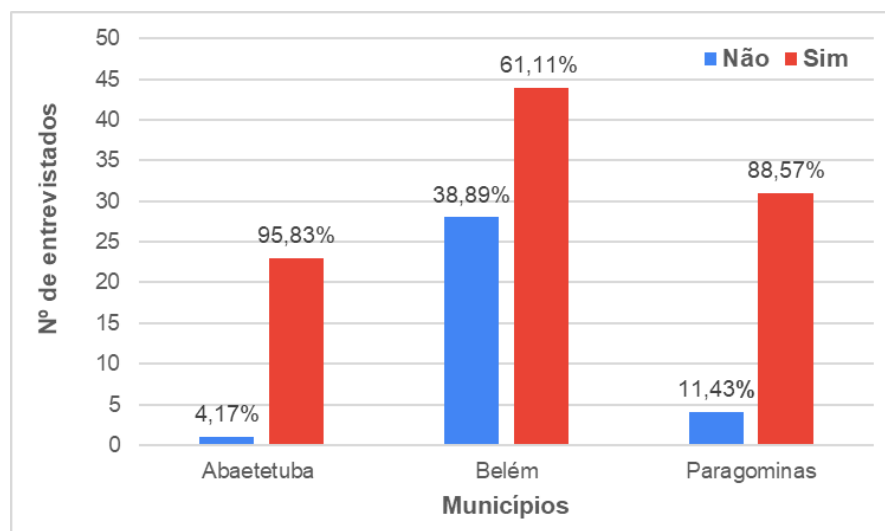


Figura 5 – Percentual de consumidores de carne de caça por município. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Na categoria idade, todas as faixas etárias apresentaram incidência de consumo superior a 66,67%, apesar do discreto aumento entre pessoas acima de 70 anos (Tabela 6).

Tabela 6 – Consumo de carne de caça por faixa etária.

Categoria de idade	Não	Sim	Total
Menores que 30	33,33%	66,67%	27
30 a 49	26,23%	73,77%	60
50 a 69	20,00%	80,00%	35

Acima de 70	12,50%	87,50%	8
Total	25,19%	74,81%	130

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Em relação à escolaridade dos frequentadores entrevistados, uma diferença em relação aos vendedores, foi o surgimento da categoria não alfabetizados em Paragominas e Abaetetuba (um entrevistado em cada município). Quanto à escolaridade dos que confirmaram consumir caça, observa-se que a maior ocorrência de consumo se dá entre as pessoas que possuem o ensino fundamental e ensino médio, apesar do registro em todos os níveis de escolaridade (Tabela 7).

Tabela 7 - Consumo de carne de caça por escolaridade

Escolaridade	Não	Sim	Nº
Não alfabetizado	50,00%	50,00%	2
Fundamental	18,42%	81,58%	37
Médio	27,59%	72,41%	87
Superior	25,00%	75,00%	4
Total	25,19%	74,81%	130

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Utilizando a ANOVA para comparar o consumo médio de caças por sexo, resultou em um $p=0,202$, que apesar de não significativo, é observável a tendência de consumo médio maior do gênero feminino em relação ao masculino. Em contrapartida, apesar do consumo ser menor entre o gênero masculino, o número médio de pessoas que não consomem tende a ser menor entre os homens que entre as mulheres (Figura 6).

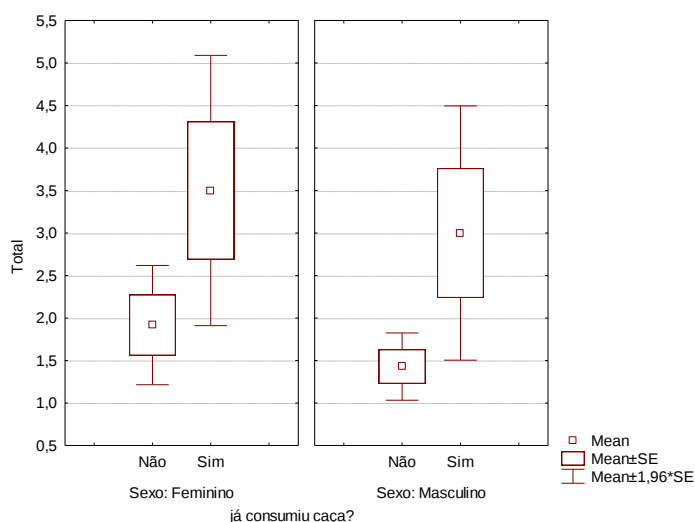


Figura 6 – Consumo de carne caça por gênero. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A Tabela 8 mostra que aqueles que consomem mensalmente carne de caça, a principal forma de obtenção é a compra nas feiras (54,17%), enquanto que os consumidores anuais revelaram que realizam a caça (39,34%).

Tabela 8 – Frequência de consumo de carne de caça e forma de obtenção

Como você obtém a caça para consumo?	Anualmente	Mensalmente	Total
Compra em feiras livres	4,92%	54,17%	18,82%
Recebe de presente	29,51%	12,50%	24,71%
Caça	39,34%	20,83%	34,12%
Caça e compra em feiras livres	6,56%	0,00%	4,71%
Quando viaja para o interior	16,39%	8,33%	14,12%
Não informou	3,28%	4,17%	3,53%
Total	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Dos que adquirem em feiras, 70,83% relataram a compra de 1 a 2 kg dessa carne, enquanto que 20,83% disseram levar para casa de 2 a 3kg (Tabela 9).

Tabela 9 - Quantidade de carne de caça adquirida pelos consumidores

Qual a quantidade?	Nº	%
1 a 2 kg	17	70,83%
2 a 3 kg	5	20,83%
Mais de 3 kg	1	4,17%
Menos de 1 kg	1	4,17%
Total Geral	24	100,00%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Entre as principais motivações ao consumo estão o sabor (36,64%), a cultura (12,98%) e para diversificar o consumo (11,45%) (Figura 7).

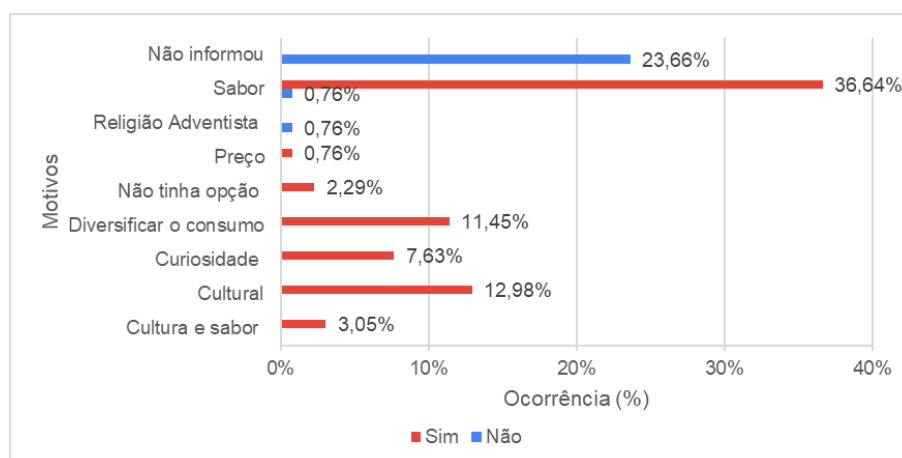


Figura 7 – Motivações ao consumo. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Outra análise feita é a relação entre quem consome carne de caça e se os entrevistados conhecem as zoonoses que ocasionam esses animais. A Figura 8 exibe que a maioria das pessoas que consomem carne de animal silvestres (81,13%) desconhece o risco à saúde. Em relação às pessoas que não consomem caça, 29,49% relatam como razão para tal, os riscos que a carne não legalizada desses animais pode ocasionar à saúde.

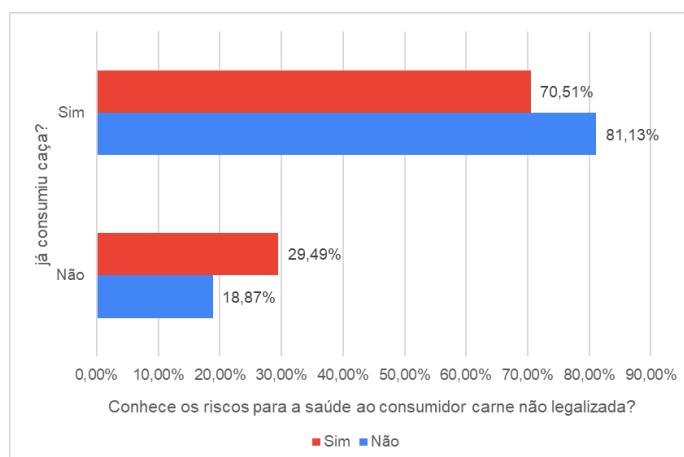


Figura 8 – Conhecimento acerca das zoonoses relacionadas à carne de caça.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A Figura 9 mostra o ranking dos animais mais consumidos pelos entrevistados, sendo os seis primeiros: capivara, paca, mucura, tatu, jacaré, preguiça, que juntos representam 88% dos animais apontados como consumidos, sendo a capivara a mais citada (29%).

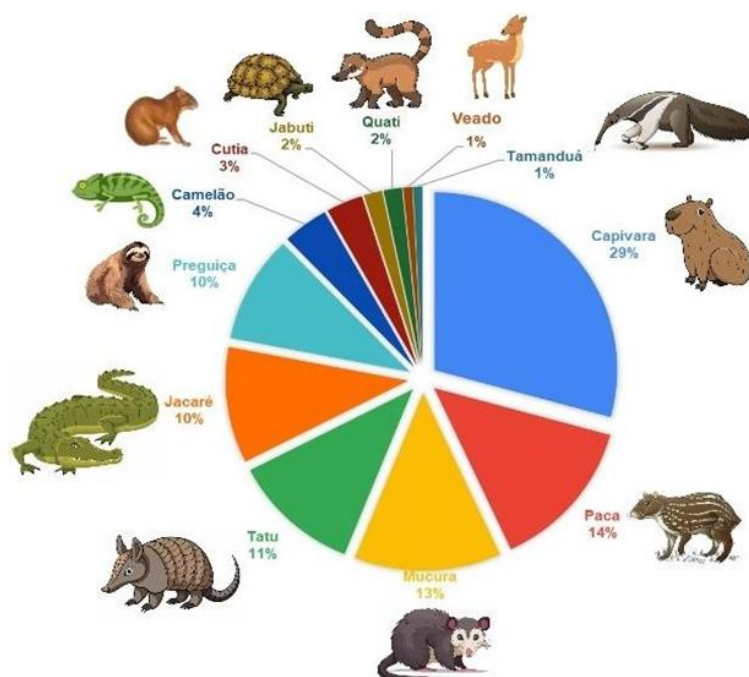


Figura 9 – Ranking dos principais animais consumidos. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

DISCUSSÃO

Aparentemente, a ausência de dados no Centro de controle de zoonoses (SESMA), situado em Belém – PA, ocorre principalmente pelo delineamento do escopo de ação do setor, que é alusivo ao controle de: Animais Sinantrópicos (animais que se adaptaram a conviver próximo ao homem, a despeito da vontade dele e considerados pragas - baratas, ratos, pombos, etc), Animais Peçonhentos (produzem veneno e têm condições naturais para injetá-la em presas ou predadores), Raiva, Esporotricose (principal vetor é o gato doméstico - *Felis catus*), Leishmaniose (principal vetor é o inseto – *Lutzomya* sp) e Leptospirose (principal vetor são

roedores sinantrópicos).

No que diz respeito ao sexo dos feirantes, a predominância de indivíduos do sexo masculino foi semelhante ao registrado por Silva (2019), onde 90,48% dos comerciantes foram homens e a minoria, mulheres (9,52%). Em relação à idade dos comerciantes, também houve correspondência com Silva (2019) ao apresentar 66,67% do total com 26 a 35 anos, 28,57% entre 36 a 45 anos e apenas 4,76% entre 18 a 25 anos, o que demonstra a predominância dos vendedores com idade acima de 30 anos em ambos os estudos.

Como relatado, no nível de escolaridade, a maioria dos entrevistados possuem o ensino médio ou o fundamental completo e o tempo de ocupação dos vendedores no setor, corrobora com Miranda e Tavares-Martins (2021), que ao analisarem a comercialização em uma feira livre na Amazônia Oriental, também obtiveram maioria entre os que possuem tempo de feira acima de 15 anos (54,1%). Tanto o nível de ensino concluído, quanto o tempo de experiência na atividade podem ser considerados fatores positivos, ao facilitarem a compreensão de ações (palestras, panfletagem, vídeos) que possam ser feitas com a categoria.

O único feirante que assegurou vender carne de caça (entrevistado em Abaetetuba) disse que o fazia somente quando viajava ao interior, enquanto os demais (49) justificaram a não comercialização por conhecerem a fiscalização, leis proibitivas e zoonoses. Ribeiro e colaboradores (2016) retrataram que 91% dos vendedores de produtos cárneos em feiras têm interesse na venda desses animais, já que existe procura, mas desde que seja de forma legalizada. Tal resultado demonstra a importância de campanhas de conscientização e ação dos serviços oficiais de vistoria que colocam sobre o vendedor uma responsabilidade importante e decisiva como elo da cadeia produtiva.

Os feirantes abordados neste estudo (71%) afirmaram conhecer os potenciais riscos à saúde oriundo do consumo de carne de caça ilegal, enquanto que Costa e colaboradores (2022) ao analisarem público-alvo apenas de Abaetetuba, alcançaram resultados distintos, pois 58% responderam “Não” e “Não sei”.

Quanto à procura das carnes de caça nas feiras, foi feita a seguinte indagação: “É comum a procura de animais silvestres para consumo, se sim, qual época?”, apenas 11 feirantes responderam, onde 7 entrevistados responderam “às vezes, sem época” e 4 entrevistados responderam “todo dia”. Entretanto, essa informação destoava do resultado obtido entre os frequentadores, já que foi confirmado o consumo de carne de animais silvestres por 98 pessoas (74,81%), que inclusive disseram que sua aquisição ocorre nas feiras, apesar das restrições legais ao consumo (Lei nº 5.197/65 e Lei 9.605/98). Dentre 60% dos comerciantes de supermercados de Belém-PA foi relatada baixa demanda por este tipo de carne (Gomes, 2021).

Na análise dos dados quantitativos do consumo de carne de animais silvestres, Costa e colaboradores (2022) encontraram resultados similares com 70% dos entrevistados admitindo o consumo. Isto reforça que é uma prática comum em municípios do Estado, mesmo que a frequência não seja tão alta. Os achados neste estudo ratificam também a análise de Santos (2021) ao retratar a cultura indígena, pois sabe-se a influência dos povos tradicionais exercem na população paraense e por mais que a motivação cultural não tenha sido notificada pela maioria dos consumidores, esta é sim uma grande razão do consumo elevado no estado e na região Norte como um todo.

Houve grande incidência de pessoas do gênero feminino entre os frequentadores das feiras nos municípios de Belém e Paragominas, enquanto em Abaetetuba o público masculino foi maior. O mesmo foi encontrado por Fonseca e colaboradores (2024), que mostram a maior frequência de homens que consomem carne de caça. É possível, entretanto, que o sexo do entrevistador tenha influenciado neste resultado, visto que em Belém e Paragominas, foi uma pesquisadora mulher que aplicou os questionários, enquanto que em Abaetetuba, foi um pesquisador homem.

No quesito idade dos consumidores, Silva (2019) encontrou resultados semelhantes, o

que demonstra que a maioria das pessoas que ingerem esse tipo de carne são adultos em idade laboral e idosos. Com relação à naturalidade das pessoas que trabalham e/ou frequentam às feiras, mesmo que sejam a minoria, outros estados foram citados, o que já era esperado, considerando a facilidade de deslocamento e os diversos motivos que podem levar alguém a mudar de município.

No que se refere à escolaridade dos consumidores, o predomínio do ensino médio completo (51,15%) reforça a associação entre a educação básica e o hábito do consumo de carne de caça, como também pode facilitar a compreensão da temática e mudança de atitude. Em relação ao gênero dos consumidores entrevistados, a predominância feminina se relacionou com duas formas de obtenção: recebe de presente e adquire em feiras livres. Já Fonseca e colaboradores (2024) exibiram o oposto, com 65,9% dos entrevistados do gênero masculino, que pode ter relação com a postura ativa na captura dos animais.

Com relação à motivação para o consumo dessa carne, Costa e colaboradores (2022) também evidenciaram o sabor como principal, e destacou que mesmo com valor de comercialização elevado e suspeita de a pandemia de COVID-19 ter iniciado por transmissão zoonótica, a demanda permanece alta. Quanto ao nível de desinformação acerca de zoonoses entre os consumidores entrevistados nesta pesquisa, foi considerado elevado (81,13%), diferentemente do constatado entre os feirantes (29%). Este é um sinal de alerta ao Centro de Controle de Zoonoses da SESMA e às instituições de ensino e pesquisa para promoverem ações de sensibilização sobre o conteúdo.

Em supermercados, os animais mais indicados pelos frequentadores foram: jacaré, paca e quelônios em geral (Gomes, 2021), os quais possuem cativeiros legalizados distribuídos no país, reforçando o nível de exigência que supermercados fazem para que um produto possa ser comercializado em suas gôndolas, diferentemente de feiras livres. Na presente pesquisa, a paca também foi bastante citada, figurando entre os três principais: capivara, paca e mucura. Mas é importante ressaltar que os animais listados pelos frequentadores entrevistados como os mais consumidos (Figura 9) são vetores de agentes infecciosos, causadores de zoonoses potenciais relacionadas ao consumo de sua carne (Tabela 10), em especial, se estiver crua ou malcozida.

Dentre as doenças mais comuns, está a toxoplasmose, cujo agente *Toxoplasma gondii* já foi registrado em seis dos doze espécimes listados. Essa doença é amplamente distribuída pelo Brasil e pode ser transmitida tanto pela ingestão de carne crua ou mal cozida quanto pelo solo ou águas contaminadas (Fialho et al., 2009). A transmissão da doença de Chagas por consumo de carne de animais infectados por *Trypanosoma cruzi* apesar de ser considerada um evento raro, sendo mais comum via ingestão de caldo-de-cana e/ou açaí contaminados (Sangenis et al., 2016), já foi reportada em pesquisas como se vê na Tabela 10. Coura (2013) mostra que essa doença pode ser transmitida por vetores, por transfusão sanguínea, transmissão oral e de forma vertical, passando da mãe para o filho, seja durante a gravidez, durante o parto e na amamentação. No presente estudo, o público feminino teve leve tendência de consumo superior ao masculino, sendo importante redobrar os cuidados afim de diagnosticar a doença e evitar sua transmissão vertical.

É relevante destacar que, entre doze os animais mencionados pelo público abordado, apenas o camaleão não apresenta, até o momento, evidências científicas documentadas de transmissão de zoonoses por ingestão. Contudo, a ausência de registros na literatura não exclui a possibilidade da presença de patógenos zoonóticos em sua carne.

Tabela 10 – Animais silvestres citados neste estudo e as zoonoses associadas ao seu consumo

Animais Consumidos	Zoonoses	Referências
Capivara	Leptospirose (<i>Leptospira</i> spp)	Silva (2020)
Paca	Toxoplasmose (<i>Toxoplasma gondii</i>), Doença de Chagas (<i>T. cruzi</i>)	Siqueira (2010), Carvalho et al. (2003)
Mucura	Toxoplasmose (<i>T. gondii</i>), Doença de Chagas (<i>T. cruzi</i>)	Siqueira (2010), Carvalho et al. (2003)
Tatu	Coccidiodomicose (<i>Coccidioides immitis</i> e <i>C. posadasii</i>), Hanseníase (<i>Mycobacterium leprae</i>), Toxoplasmose (<i>T. gondii</i>) e Doença de Chagas (<i>T. cruzi</i>)	Carvalho et al. (2003); Ferreira et al. (2020)
Jacaré	Leptospirose (<i>Leptospira</i> spp)	Nossa (2020)
Preguiça	Doença de Chagas (<i>T. cruzi</i>)	Cavalcante (2018)
Cutia	Toxoplasmose (<i>T. gondii</i>),	Siqueira (2010)
Jabuti	Salmonelose (<i>Salmonella</i> spp)	Silva (2019)
Quati	Toxoplasmose (<i>T. gondii</i>)	Siqueira (2010)
Veado	Toxoplasmose (<i>T. gondii</i>)	Siqueira (2010)
Tamanduá	Toxoplasmose (<i>T. gondii</i>)	Ferrari (2016)

CONCLUSÃO

O estudo identificou o perfil dos entrevistados nas feiras selecionadas. Entre os vendedores de produtos cárneos (maioria homens, com média de 46,8 anos, mais de 15 anos de ocupação no setor e ensino básico - completo ou incompleto, maioria reportou conhecimento sobre zoonoses e leis proibitivas da comercialização de carne de animais silvestres) e entre os frequentadores das feiras (74,31% já consumiu carne de caça, distribuídos em todas as faixas etárias e em todas as escolaridades investigadas com níveis acima de 72% seja nos ensinos fundamental, médio e superior e leve tendência superior de consumo entre as mulheres). Confirmou-se alto consumo de carne de caça, motivado principalmente pelo sabor, e provavelmente perpetuado culturalmente, sendo obtida principalmente pela caça mesmo ou recebida de presente de parentes e amigos residentes em áreas rurais.

Outro achado preocupante foi o percentual de consumidores que alegaram desconhecimento sobre as zoonoses associadas ao consumo deste tipo de carne, 81,13%, impelindo um desafio aos gestores públicos e instituições de pesquisa e ensino no combate à continuidade da venda e consumo ilegal de carne de animais silvestres, através de fiscalização ativa nas feiras, medidas educativas a fim de sensibilizar o público no que diz respeito ao impacto ao meio ambiente, à ameaça ao modo de vida das espécies amazônicas, podendo inclusive levar à extinção local, desequilíbrio ecológico, além do risco potencial de zoonoses. É imprescindível discutir a interdependência entre biodiversidade, meio ambiente e saúde, promovendo a sustentabilidade, prevenção de zoonoses e redução do impacto na saúde pública.

Ademais, a elevada demanda constatada aliada à possibilidade de uso deste tipo de carne como fonte proteica animal alternativa podem estimular a criação em cativeiro de animais silvestres com potencial para consumo humano na Amazônia Oriental. Além dos benefícios econômicos, a criação comercial com manejo adequado pode reduzir os riscos de doenças à população, o extrativismo animal e o contrabando e biopirataria.

REFERÊNCIAS

BHARUCHA, Z.; PRETTY, J. The roles and values of wild foods in agricultural systems. **Phil. Trans. R. Soc. B**, 365: 2913–2926, 2010. <https://doi.org/10.1098/rstb.2010.0123>

BRASIL. **Lei nº 5.197 de 3 de janeiro de 1967**. Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15197.htm. Acesso em: 02 de novembro de 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso em: 02 de novembro de 2024.

CARVALHO, M.E.; SILVA, R.A.; BARATA, J.M.; DOMINGOS, M.F.; CIARAVOLO, R.M.; ZACHARIAS, F. Soroepidemiologia da tripanosomíase americana na região do litoral sul, São Paulo. **Rev Saúde Pública** 37(1): 49-58, 2003.

CARVALHO, C.B.M.; ALE, V.M.M. Consumo se carnes exóticas que podem causar doenças de origem alimentar. In: BROLIO, M.P.; CAMPOS, L.B.; SOUZA, S.S.; SOTERO, M.P. PAVANELO-JÚNIOR, V. (Orgs;). **Tópicos em Ciência animal**. Vol. 2. 1ª ed. Belo Horizonte: Poisson, 2022, cap. 7, p. 45 - 49.

CAVALCANTE, E. S. **Casos de Doença de Chagas nas comunidades Ilha do Capim, Rios Maracapucú Sagrado e Xingu no Município de Abaetetuba/PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação do Campo) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2018.

COSTA, T.S.; OLIVEIRA, D.C.L.; VASCONCELOS-NETO, C.F.A.; MAYOR, P.; SANTOS-FITA, D. Carne de caça, covid-19 e segurança alimentar no município de Abaetetuba, Amazônia Paraense. **Etnobiologia**, 20(3): 46-67, 2022.

COURA, J. R. Chagas disease: control, elimination and eradication. Is it possible?. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, 108(8), 962-967. <https://doi.org/10.1590/0074-0276130565>

DIAS, S. **História da Alimentação**: Série universitária. São Paulo: Senac, 2024. 92p.

FERRARI, V. M. **Isolamento e caracterização genética de *Toxoplasma gondii* em *Myrmecophaga tridactyla* (Linnaeus, 1758)**. 48f. Dissertação (Mestrado em Genética, Área de concentração em Genética Animal e Evolução) – Programa de Pós-graduação em Genética do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto, 2016.

FERREIRA, I. M.; SALLA, P. F.; PACHECO, S. M. Caça, manipulação de Tatu (*Mammalia: Cingulata*) e o risco de zoonoses. **Anais da 16ª Mostra de Iniciação Científica - Congrega. Urcamp**, p. 1 – 6, 2020.

FIALHO, C.G.; TEXEIRA, M.C.; ARAÚJO, F.A.P. Toxoplasmose Animal no Brasil. **Acta Scientiae Veterinariae**, 37(1): 1-23, 2009.

FONSECA, L.S.; RIBEIRO, L.P.A.; PEREIRA, E.F.S.; RESENDE, S.B. O consumo de carnes provenientes de caça na região Tocantina do Maranhão e seus riscos: transmissão de zoonoses. **Revista caderno pedagógico**. Studies publicações e Editora Ltda. Curitiba, 21(5): 01-20. 2024. <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n5-025>

GOMES, B. **Consumo e comércio de carne de animais silvestres em Belém-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2021.

HUBÁLEK, Z. Emerging human infectious diseases: anthroponoses, zoonoses, and sapronoses. **Emerging Infectious Diseases**, 9(3): 403-404, 2003. [10.3201/eid0903.020208](https://doi.org/10.3201/eid0903.020208)

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados do Brasil**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 13 de dez. de 2024.

MESSENGER, A.M; BARNES, A.N.; GRAY, G.C. Reverse zoonotic disease transmission (zooanthro-Ponosis): a systmatic review of seldom documented human biological threats to animals. **Plos one**, 9(2): e89055, 2014. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0089055>

MIRANDA, T.G.; TAVARES-MARTINS, A.C.C. Socioeconomia, cotidiano e canais de comercialização em uma feira livre na Amazônia Oriental. **Cadernos do CEAS**. Salvador/Recife, 46(253): 388-404, maio/ago., 2021. <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2021.n253.p388-404>

OMS – Organização Mundial da Saúde. **Zoonoses**. Disponível em: <http://www.who.int/topics/zoonoses/en/>. Acesso em 04 de novembro de 2024.

RIBEIRO, V.M.F.; CARVALHO, Y.K.; PERUQUETTI, R.C.; MEDEIROS, L.; FREITAS, H.J. Consumo e comercialização de carnes silvestres: Potencial econômico para a Amazônia Ocidental. **Journal of Amazon Heath Science**, 2(1), 2016.

SANGENIS, M.A.P. et al. Transmissão da doença de Chagas por consumo de carne de caça: revisão sistemática. **Rev. Bras. Epidemiol.** 19(4): 803-811, 2016.

SANTOS, F.R.A. **A caça como ferramenta de autoafirmação étnica do povo indígena Kanindé de Aratuba: do museu ao “Mondé”**. 120 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Fortaleza, 2021.

SILVA, P.T.A. **Deteção de *Salmonella enterica* EM *Kinosternon scorpioides scorpioides* (LINNAEUS, 1766) De vida livre**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2019.

SILVA, T.F. **Ocorrência de *Leptospira spp.* E de suas alterações laboratoriais na população de Capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*) no Distrito Federal**. 56f. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) – Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SIQUEIRA, B.D. Detecção de anticorpos Anti-*Toxoplasma gondii* em Marsupiais e roedores da Mata Atlântica do Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. 58f. Dissertação (Mestrado em Ciência Veterinária) – Programa de Pós-graduação em Ciência Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010.